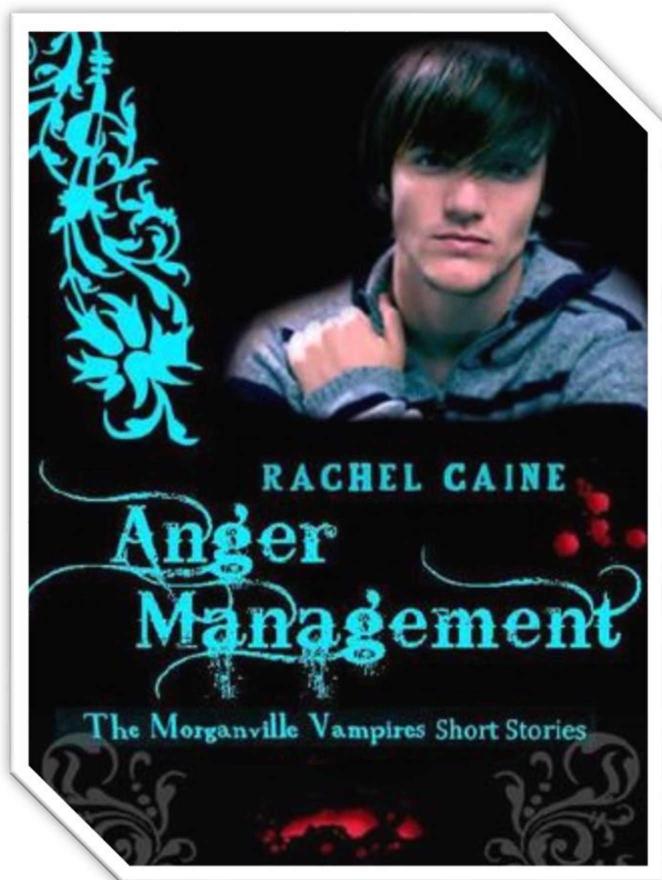
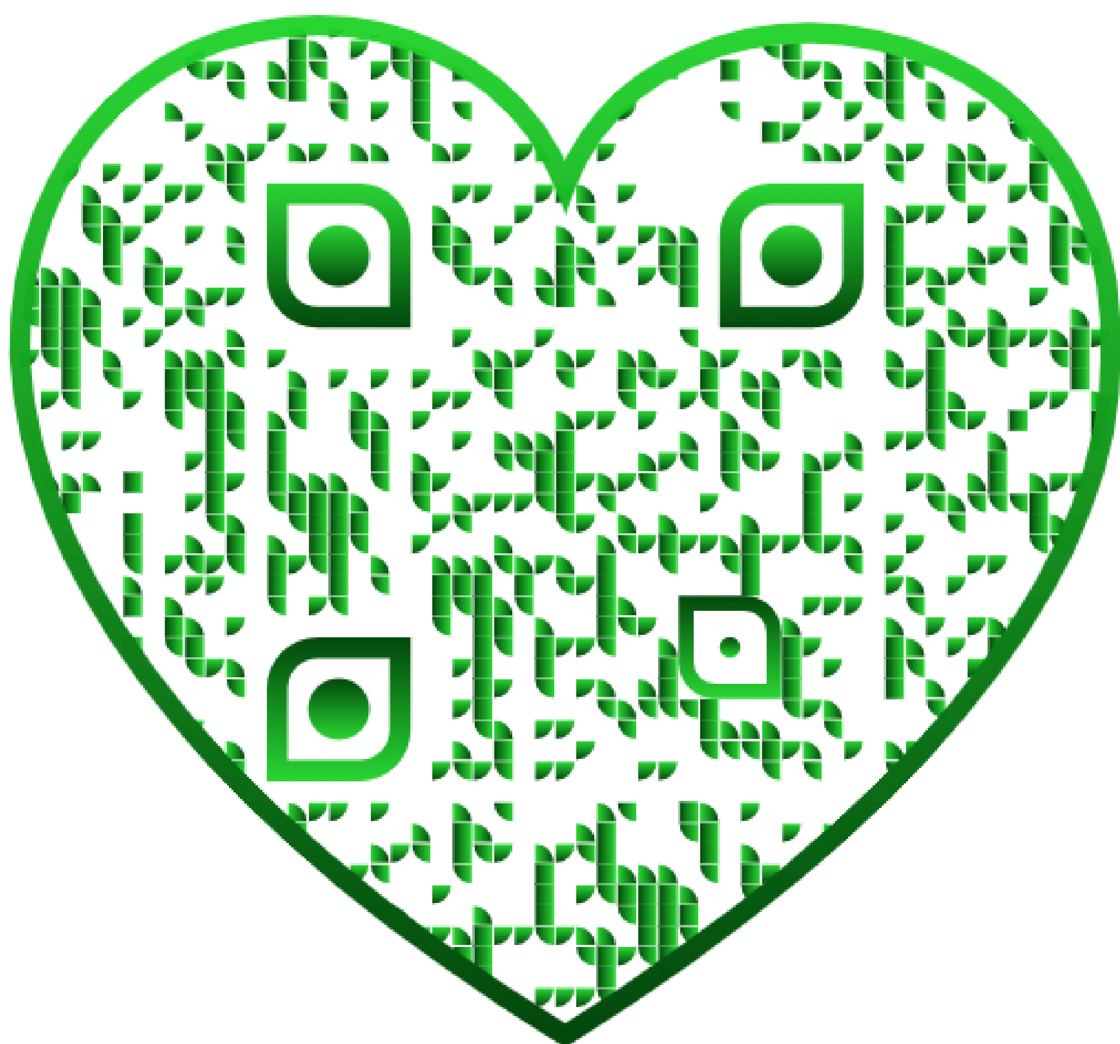
The Morganville Vampires

UMA HISTÓRIA DE SHANE COLLINS…

Livro 10.5








Anger Management

(Controle de Raiva)

RACHEL CAINE




The Morganville Vampires Series

Glass Houses

The Dead Girls' Dance

Midnight Alley

Feast of Fools

Lord of Misrule

Carpe Corpus

Fade Out

Kiss of Death

Ghost Town

Bite Club




SHANE

— O que você acha que o deixa mais raivoso? — o meu psiquiatra recém-nomeado, Dr. Theo Goldman, perguntou. Ele estava arrumando a sua mesa, endireitando os papéis, ajustando o ângulo de sua caneta, aparentemente não prestando muita atenção na resposta.

Ele não me enganava. O fato era, Theo Goldman estava ouvindo atentamente a tudo... palavras, pausas, a maneira que eu respirava. Os sentidos de vampiro eram fodas desse jeito. Goldman estava, provavelmente, ouvindo as batidas do meu coração, também.

E por que eu vim aqui mesmo? Bem, eu realmente não tive muita escolha.

Eu me mexi desconfortavelmente no sofá, depois parei e fiquei muito quieto, como se isso fosse de alguma forma me ajudar. Goldman olhou rapidamente e sorriu para mim. Ele não era um cara mau para um vampiro; meio desgrenhado, um pouco antiquado, e ele nunca parecia estar tentado rasgar a minha garganta para fazer um lanche. Claire confiava nele, e se a minha garota dizia algo, ela provavelmente tinha pensado muito sobre isso.

— O que mais me irrita — eu repito, tentando ganhar tempo. Minha garganta estava seca e apertada, e eu pensei em pedir um pouco de água, mas parecia que podia ser estranho. — Você quer uma lista em ordem alfabética?

— Quero dizer, em toda a sua vida, o que mais irrita — Goldman disse. — A primeira coisa que vem à sua mente.

— Há muito para escolher.

— Eu tenho certeza de que algo se sobressai.

— Não realmente, eu...

— Vai!







O tom súbito e acentuado de voz me atingiu como uma agulha, e eu soltei: — Claire! — Eu imediatamente me senti enjoado. Eu não tinha a intenção de falar, não de verdade, mas apenas... saiu.

No silêncio que se seguiu, Theo Goldman recostou-se na cadeira e olhou para mim com calma e olhos ilegíveis. — Vá em frente — ele finalmente disse. — O que tem a Claire?

O que diabos eu disse? Não era verdade, não completamente. Eu não quis dizer isso. Eu olho fixamente para os meus sapatos, que eram botas antigas e esfarrapadas, a melhor para chutar alguns vampiros nos dentes. Em Morganville, Texas, ou você tinha tênis de corrida, ou sapatos de chutar os dentes. Eu não era muito de correr.

— Nada — eu disse. — Apenas saiu, isso é tudo. Claire é a melhor coisa que já me aconteceu. Eu não estou bravo com ela. Eu nem sei por que eu disse isso. — Isso foi bom, foi calmo e simples, e eu chequei o meu relógio. Deus, tinha feito apenas 15 minutos, neste escritório com painéis agradáveis, sentado neste sofá confortável *Lado Suave da Sears*[1]? — Olha, isso é ótimo e tudo, mas eu realmente deveria estar...

— Por que então Claire vem à sua mente, com todas as coisas terríveis que eu sei que você passou? — ele perguntou. — Você tem mais trinta minutos, a propósito, nós temos tempo de sobra. Relaxe, Sr. Collins. Eu prometo a você, eu estou aqui para ajudar.

— Ajudar. Sim, os vampiros são conhecidos por todas as suas habilidades de aconselhamento impressionantes.

— O fato de eu ser um vampiro te incomoda?

— É claro que isso me incomoda! Eu cresci em Morganville, é meio que grande coisa se sentar e ser legal com um de vocês.

O sorriso de Goldman estava triste, e fantasmagórico. — Você percebe que, assim como nem todos os homens são iguais, todos os vampiros não são iguais? Os piores assassinos que eu já conheci em minha longa vida eram homens que respiravam e que não matavam por seu sustento, mas por esporte. Ou pior, pelas crenças.

---

[1] **The Softer Side of Sears:** *Referente ao comercial da loja de departamentos SEARS.*







— Você não acha que podemos apenas concordar que eu estou ferrado e acabar por hoje?

Ele olhou para mim com uma intensidade de tal nível que eu me senti desconfortável, e então ele disse: — Há um número surpreendente de pessoas que se preocupam com o que acontece com você. O fato de que você está aqui, em vez de atrás das grades, parece dizer-lhe isso, eu acho. Sim?

Eu dei de ombros. Eu sabia que parecia que eu era o adolescente ranzinza típico, mas eu não me importava com o que um vamp pensava de mim, de qualquer maneira. Então eu continuei insistindo isso para mim. Eu tinha me metido nisso profundamente desta vez... mais profundamente do que parecia. Antes, eles me deixariam escapar, porque eu era uma criança confusa, e, em seguida, porque eu tinha conseguido acabar no lado certo (por definição, de qualquer maneira) do problema, mesmo contra o meu próprio pai.

Mas desta vez eu não tinha nenhuma defesa. Eu voluntariamente me envolvi no clube de luta ilegal da academia; Eu fiquei drogado e preso em gaiolas para brigar com vampiros. Por dinheiro. Na internet.

Essa última parte foi a maior violação de todas... que rompeu a parede de sigilo de Morganville. Claro, ninguém na internet iria levá-los a sério; foi tudo truque, efeitos especiais.

Isso não muda o fato de que eu tinha arriscado o anonimato — a segurança — dos vampiros. Eu tive sorte que eu não tinha sido discretamente morto em algum lugar, ou ter sido enterrado em uma sepultura agradável e profunda em algum lugar no escuro. A única razão pela qual eu não tinha sido morto imediatamente era que a minha namorada tinha alguma influência com os vampiros, e ela lutou por mim. Duramente.

Ela era a razão pela qual eu estava sentado aqui, em vez de ocupando um lugar no necrotério local. Então, por que eu disse o nome dela quando ele me perguntou sobre estar com raiva?

Eu não tinha respondido, mesmo que o silêncio tenha se estendido, portanto, o Dr. Goldman recostou-se na cadeira e







bateu a sua caneta contra os seus lábios por um momento, então disse: — Por que você acha que precisa lutar, Shane?

Eu ri alto. Parecia selvagem e incontrolável, até mesmo para mim. — Você não está falando sério com essa pergunta, certo?

— Eu não quero dizer lutar quando a sua vida está em perigo, que é uma resposta razoável e lógica preservar a segurança. De acordo com os registros que eu revi, no entanto, você parece procurar o confronto físico, ao invés de esperar que ele venha até você. Tudo começou na escola, parece... embora você nunca foi classificado como um valentão, você parecia ter um cuidado especial em procurar aqueles que estavam mexendo com os outros e, como você diria isso? “Ensinar-lhes uma lição”. Você se nomeou como o defensor dos fracos e oprimidos. Por que isso?

— Alguém tem que fazer isso.

— Seu pai, Frank Collins...

— Não — eu o interrompi, sem rodeios. — Apenas fique longe desse assunto, ok? Nenhuma discussão sobre os meus óbvios malditos problemas com o meu pai, ou minha mãe, ou Alyssa morrendo, nenhuma dessas merdas. Eu superei.

Ele levantou uma sobrancelha, apenas o suficiente para me dizer o que ele pensava sobre isso. — Então vamos discutir sobre Claire?

— Não — eu disse, mas o meu coração não queria isso. Estranhamente.

Ele deve ter percebido isso, porque ele disse, naquele tom manso e tranquilo: — Por que você não me fala sobre ela?

— Por que eu deveria? Você já conhece ela.

— Eu quero saber como você a vê.

— Ela é linda — eu disse, e eu quis dizer isso. — Ela não sabe, mas ela é. E ela é tão... frágil. Vulnerável. Teimosa. Ela só não sabe quando desistir.

— Vocês parecem ter isso em comum.

Nós tínhamos muita coisa em comum, por mais estranho que isso possa parecer; ela veio de um lugar protegido e acolhedor, uma família que a amava, um pai que nunca iria traí-la, mas de alguma forma isso lhe dera uma crença







inabalável de que ela poderia sobreviver a qualquer coisa. Eu tinha isso também, mas veio da direção oposta; eu sabia qual era a sensação de perder tudo, todos, e sabia que era eu sozinho contra a escuridão.

Mas era mais do que isso. Era complicado o que eu sentia por ela.

E eu não queria pensar nisso muito profundamente. — Eu tento cuidar dela — eu disse. Era para eu parar por aí, mas Goldman parecia achar que era mais interessante do que eu pretendia.

— Ela precisa de cuidados, você não acha?

— Nós todos não precisamos?

— É o seu trabalho, o trabalho de todos os namorados, protegê-la — ele disse. Quase soou como a minha própria voz, em minha própria cabeça. — É isso que você acredita?

— Sim — eu concordei. Acéfalo.

— O que você acha que Claire diria se ela ouvisse isso?

Eu não consegui me impedir de dar um pequeno sorriso. — Ela me bateria — eu disse. — Ela não acha que precisa de um guarda-costas, ela está sempre me dizendo isso. — O sorriso desapareceu muito rápido, porque uma cascata de imagens queimou através do meu cérebro, incontrolável e violenta: Claire sorrindo para mim. Claire sorrindo para Myrnin. Myrnin ficando louco conosco, como sempre fazia. E Claire apenas... aceitando isso. Mais uma vez.

As cicatrizes em seu pescoço, pálidas e pequenas, mas óbvias para mim.

— E, no entanto, você está zangado com ela — Goldman disse.

— Vai se ferrar — eu rebati. Uma pressão estava se formando na minha cabeça, e eu tive que me levantar, me mover, andar pela sala. Meu punho queria dar um soco em algo; a energia selvagem em mim não tinha como sair de qualquer maneira a não ser através de carne, osso e dor. — Você precisa parar de me pressionar, cara, eu estou falando sério. Eu não quero pagar para ter que consertar aqui.

Goldman estava sereno. Ele se recostou confortavelmente e me observou enquanto eu andava pela sala. Se ele estava







com medo que eu descontasse nele, não parecia. — Você está com raiva porque eu fiz uma observação, ou por causa do que eu sou?

— Ambos — eu disse. — Inferno, eu não sei. Olha, podemos simplesmente acabar com isso? Dizer que passou uma hora e me deixar sair daqui.

— Você pode sair a qualquer hora do dia, Shane, eu não vou parar você. Mas o seu tratamento é ordem da Fundadora. Se você decidir não aparecer nos seus compromissos, ela tem direitos de rescindir a sua liberdade condicional e colocá-lo atrás das grades.

— Não seria a primeira vez.

— Eu sei — ele disse. Havia um mundo de bondade nessas duas palavras, e descarrilou o trem de raiva dos trilhos. Eu não queria dar um soco nele, mas eu não queria responder a ele, tampouco. Ele estava certo, eu não podia simplesmente sair daqui, não sem consequências... a prisão não me assustava muito, mas havia algo que me assustava: perder Claire. Ir para a cadeia significava não vê-la, e agora, ela era a única luz no mundo que brilhava no escuro onde eu morava.

Mesmo que às vezes eu odiasse o que eu via refletido nessa luz.

Eu coloquei a minha mão na maçaneta da porta do escritório. O lugar não estava trancado; eu poderia simplesmente virar o meu pulso, atravessar o solado e viver com tudo o que isso significaria.

Eu virei o meu pulso e abri a porta. O exterior do escritório além da porta estava um pouco mais frio, e eu fechei os meus olhos enquanto a brisa suave passava por cima do meu rosto.

Um passo. Isso é tudo o que seria necessário. Um passo.

Eu lentamente fechei a porta e inclinei as minhas costas contra ela. — Eu não sou um covarde — eu disse.

— Eu acho que isso é indiscutível — ele respondeu. — Mas coragem física é uma coisa. Coragem emocional para olhar dentro de si mesmo, é outra, e muitos não possuem esse tipo de vontade. Você possui?

— Eu não. Meus amigos todos têm. Eu não — eu disse. Eu estava pensando em Michael, preso em silêncio, sozinho,







fantasmagórico em uma casa que tinha sido a casa de sua família. Sombriamente tentando sobreviver como um meio vampiro, escondendo a verdade de nós, nunca me deixando ver o seu medo ou a sua fúria. Eve, sempre cheia de sarcasmo e diversão, com todo o terror frágil por baixo; ela nunca deixava Morganville ganhar, apesar de todos os dias que ela acordava e sabia que poderia ser seu último. Claire, firme, segura e calma, de alguma forma entrando em nossa pequena fraternidade de fracassados e nos tornando completos, em nossa própria maneira. Sem ela, eu nunca teria a coragem de desafiar o meu pai e ficar do lado de Michael, mesmo que eu quisesse.

Claire era completa de coragem. Só não o tipo de coragem que batia nas coisas.

— Eu acho que você é mais forte do que você imagina — Goldman disse, e se inclinou para frente agora, me observando atentamente enquanto eu sentava no sofá. — E muito mais inteligente do que todos lhe dão crédito. Eu vou fazer um acordo com você. Nós podemos nos sentar pelo resto da hora em silêncio, se você quiser, e eu vou dizer que você está progredindo com a sua terapia. Ou você pode falar. A escolha é sua. Eu não vou perguntar de novo.

Foram longos 10 minutos antes de eu finalmente dizer, empurrando as palavras para fora contra um peso esmagador:
— Foi como ela olhou para ele.

— Para quem?

— O chefe dela. O louco do Myrnin. Eu a vi olhando para ele, e ele estava olhando para ela, e foi... — Eu balancei a minha cabeça. — Nada, não era nada. — Não, isso não era verdade, eu estava mentindo em voz alta. Pior, eu estava tentando mentir para mim mesmo. — Ela gosta dele. Talvez até mesmo o ame, como uma espécie de tio louco.

— Você acha que ela não te ama?

— Essa não é a questão. Ela não pode amá-lo.

— Porque ele é um vampiro?

— Sim!

— Você disse antes que ela o ama como um tio. Você acredita que é mais do que isso?







— Não da parte dela — eu disse. — Da partir dele... sim, talvez.

— Como é que você se sente, sabendo disso?

Que pergunta psiquiatra. — Perdido — eu disse. Isso me surpreendeu, mas era verdade. — Eu me sinto perdido. E com raiva.

— De Claire.

Eu não respondi essa, porque era muito assustador. Eu não poderia estar com raiva de Claire, eu simplesmente não conseguia. Não era culpa dela, nada disso; ela era uma pessoa amorosa, e essa era parte da razão pela qual eu a amava também.

Então, por que dói tanto pensar que ela podia sorrir para Myrnin, amá-lo até mesmo um pouco?

Porque ele é um vampiro. Não, porque você quer que ela seja toda sua.

— Você já pensou — Goldman disse, — que a razão da vampira Gloriana achar tão fácil liberar essa raiva dentro de você para fazer você lutar é o que você tão raramente enfrenta?

— O que diabos isso significa, esse é o código para eu gritar, quebrar as coisas e agir como um babaca? Porque eu já fiz tudo isso. — Mais frequentemente do que eu gostaria de admitir, até mesmo para mim. — Eu sou movido a confronto.

— Sim — ele disse, e sorriu. Ele sorriu e pareceu gentil, amigável e simpático, o que era uma droga, porque os vampiros não deviam parecer dessa forma. — Você certamente tem esse comportamento. Mas em relação a falar honestamente com Claire? Você fez isso?

Eu tinha? Eu falava com ela, com certeza — todo dia. E às vezes nós falávamos sobre como nos sentíamos, mas era coisa superficial, mesmo que fosse verdade. — Não — eu disse. A pressão dentro de mim se iluminou, estranhamente o suficiente. Eu já não queria dar um soco em algo para me livrar dela. — Quero dizer, ela sabe que eu não gosto do cara...

— Você já disse a ela, explicitamente, como você vê o relacionamento dela com Myrnin, e como ele faz você se sentir?







Essa foi fácil. — Não. — Claro que não.

Ele ainda estava sorrindo, muito característico de um avô e ligeiramente divertido. — Porque homens fortes não fazem essas coisas, sim?

Não brinca, Sherlock.

— E se eu lhe disser que ser honesto com ela, profundamente honesto, faria com que ela te amasse ainda mais?

Isso era uma porcaria total. Se Claire me conhecesse, realmente me conhecesse, e soubesse todo o lodo tóxico que estava dentro de mim... ela iria ficar bem longe de mim, não há dúvida sobre isso. Eu balancei a cabeça involuntariamente.

Goldman suspirou. — Muito bem, então — ele disse. — Passos de bebê. Pelo menos você admitiu isso para mim. Temos pelo menos mais dois meses restantes juntos. Eu considero este um bom começo. — Ele olhou para o relógio. — E eu acredito que é hora do meu próximo compromisso. Muito bom trabalho, Sr. Collins.

Eu me levantei do sofá como se o assento tivesse me expulsado, e estava com a minha mão na maçaneta da porta quando ele disse: — Só mais uma coisa, se você não se importar: eu gostaria de atribuir-lhe um dever de casa.

— Sim, porque isso nunca sai de moda — eu disse, mas eu já estava resignado a fazer uma pesquisa de inventário moral, ou qualquer porcaria de psicólogo que ele estava prestes a retirar do seu saco de truques imortal empoeirado.

Ele me surpreendeu. — Eu gostaria que você tentasse, pelas próximas 24 horas resolver qualquer problema que venha sem permitir que a sua raiva tome a rédea. Se você tiver uma oportunidade de lutar, eu gostaria que você recuasse. Se alguém tentar brigar verbalmente, acalme a situação. Se você for insultado, vá embora. Apenas durante vinte e quatro horas. Então você pode se envolver em socos para acalmar o seu coração.

Eu me virei e olhei para ele. — Eu realmente passo um dia inteiro sem bater em ninguém, você sabe. Às vezes, até dois dias.







— Sim, mas você canaliza a sua raiva de outras formas, nas pequenas coisas que você nem mesmo percebe. Talvez por pensar muito sobre isso, você possa perceber o quanto você permite que isso coordene as suas ações e molde o mundo ao seu redor. — Ele balançou a cabeça, em seguida. — Isso é tudo. Apenas experimente, por um dia inteiro. Eu estarei interessado em saber como foi a sensação.

Eu dei de ombros e abri a porta. — Claro, dr. Sem problemas.



Eu nem sequer saí do prédio antes do meu primeiro desafio surgir. Foi um grande problema.

Fisicamente, Monica Morrell era uma menina bonita — não tão bonita quanto ela achava que era, mas em uma escala de dez, ela era, pelo menos, um sete, e isso quando ela não estava nem mesmo tentando. Hoje, ela estava definitivamente buscando um oito vírgula cinco, e ela estava provavelmente conseguindo. Ela estava usando um vestido rosa curto e parecia... brilhante, eu acho. Meninas provavelmente seriam capaz de dizer todos os detalhes técnicos disso, mas resumindo, ela chamava a atenção

E o meu primeiro impulso, o meu primeiro, foi dar um soco nela bem no lábio rosa brilhante.

Isso era tão familiar para mim que honestamente me surpreendeu quando eu considerei isso, pensando no dever de casa de Goldman. Ela ainda não tinha me visto, não tinha sorrido ou feito um comentário sarcástico e frio; ela não tinha me lembrado da minha família morta, ou insultado a minha namorada, ou feito qualquer uma das mil coisas que ela fazia para puxar os meus gatilhos. Era apenas um reflexo, eu querendo machucá-la, e eu tinha certeza de que a maioria das pessoas não tinha esse tipo de reação.

Eu dei uma respiração profunda, e quando ela olhou para cima e me viu sair do elevador, eu segurei a porta para ela. Eu não sorri — isso provavelmente pareceria que eu queria mordê-la — mas eu assenti educadamente e disse: — Bom dia,







— como se ela fosse uma pessoa de verdade e não uma vadia assassina que não merecia respirar.

Ela hesitou, só uma pequena hesitação como se ela não conseguisse descobrir qual era a minha estratégia. Se eu não estivesse olhando para ela, eu nunca teria visto a expressão estranha que atravessou o seu rosto e, mesmo assim, levou mais alguns segundos para eu perceber o que significava.

Ela estava com medo.

O flash de medo desapareceu, e ela jogou o seu cabelo brilhante para trás e passou por mim no elevador. — Collins — ela disse. — Então, você colocou um explosivo aqui? — Ela disse como se isso não a surpreendesse, e apunhalou um dedo perfeitamente cuidado em um dos botões de piso. — Ou você só vai jogar tinta em mim antes das portas se fecharem?

Eu considerei dizer um monte de coisas — talvez que ela merecia morrer queimada — e então eu soltei a porta, dei um passo para trás, e disse: — Tenha um bom dia, Monica.

Ela ainda estava olhando para mim com uma expressão muito confusa quando eu me virei e fui embora com as mãos nos bolsos.

Frustrante? Sim, um pouco. Mas estranhamente divertido. Pelo menos eu posso mantê-la pensando sobre isso, eu pensei. E parecia uma pequena vitória só porque eu não tinha feito a primeira coisa que me veio à cabeça.

Caminhando em direção a casa, eu acenei para as pessoas que eu conhecia, que era praticamente todo mundo. Eu não bati em ninguém. Eu nem sequer disse qualquer coisa maliciosa. Era meio que um milagre.

Eu decidi testar a minha sorte um pouco, e parei no Common Grounds.

Se eu tivesse sido relativamente não popular em torno de Morganville antes, eu teria levado as coisas a um nível totalmente novo. Um nível inferior. Eu entrei na loja de café como eu tinha feito mil vezes antes, e desta vez, a conversa praticamente parou. Os estudantes universitários me ignoraram, como sempre faziam; eu era um caipira, sem importância para o seu próprio pequeno mundo isolado; eram os nativos de Morganville que estavam reagindo como se







Maria Tifoide tivesse acabado de entrar pela porta. Alguns ficaram interessados em seus cafés com leite e mochas; outros sussurravam com as cabeças juntas, lançando olhares para mim.

A conversa era que eu estava em liberdade condicional com a Fundadora. Em algum lugar, algum empreendedor novo de apostas estava fazendo apostas sobre se eu iria ou não sobreviver a semana, e as chances não estavam ao meu favor.

Minha companheira de casa, Eve, estava atrás do balcão, e ela inclinou-se e acenou para mim. Ela tinha colocado algumas mechas azuis temporárias em seu cabelo negro como carvão, o que lhe deu um estilo interessante, especialmente quando emparelhado com a sombra de olho azul claro e harmonizando com a blusa muito brilhante. Em cima de sua roupa, que provavelmente estava mais louca do que o habitual, ela usava o avental tingido do Common Grounds. — Ei, luz do sol — ela disse. — Que veneno você quer?

Conhecendo Eve, isso significava literalmente. — Café — eu disse. — Só simples, nenhuma dessas frescuras.

Ela arregalou os olhos, e inclinou-se para sussurrar. — Honestamente, homens às vezes colocam creme em seus cafés. Eu vi no noticiário. Tente um café com leite uma vez, ele não vai reduzir o seu nível de testosterona ou qualquer coisa.

— V... — Eu estava prestes a dizer automaticamente *vai se ferrar*, o que teria sido correto, adequado e confortável entre nós dois; não era uma resposta irritada, era apenas a coisa habitual que eu dizia quando Eve zombava de mim. Eu a amava, mas era assim que nós nos falávamos. Provavelmente não abrangia as regras de Goldman, mas eu pensei que talvez, apenas talvez, eu fosse tentar mudar isso. — Ok — eu disse.

Isso me rendeu um olhar vazio. — Como é?

— Ok — eu repeti. — Eu vou experimentar um café com leite, se você acha que eles são bons.

— Você vai... — Eve inclinou a cabeça lentamente de um lado, com os cabelos curtos roçando seu ombro. — Espere, você acabou de dizer para mim fazer uma bebida que não é algo que se pegue em uma parada de caminhões?

— Isso é um problema?







— Não. Não, nem um pouco — ela disse, mas ela estava franzindo a testa um pouco. — Está se sentindo bem?

— Sim, bem — eu disse. — Só estou tentando algo diferente hoje.

— Hum. — Eve me analisou por alguns longos segundos, e então sorriu. — É agradável trabalhar para você, garoto. — Ela piscou para mim e ficou ocupada fazendo coisas complicadas com o café expresso e o leite vaporizado, e eu me virei para olhar para a multidão sentada em torno das mesas. Tinha algumas pessoas das empresas locais, gastando alguns minutos fora do escritório; adolescentes universitários com suas mochilas, fones de ouvido e pilhas de livros didáticos; algumas pessoas pálidas e anêmicas sentadas na parte mais escura da sala, longe das janelas.

Um deles se levantou e caminhou na minha direção. Oliver, o proprietário do lugar, que redefiniu o termo "hippie esquisito"... ele estava com o seu longo cabelo grisalho preso em um rabo de cavalo, e estava usando um avental do Common Grounds que o fazia parecer legal e fofinho. Ele não era, e eu era um dos que sabia exatamente o quão ele era realmente perigoso.

Ele também não era o meu maior fã. Nunca foi, eu quero dizer, mas especialmente agora.

— Collins — ele me cumprimentou, soando não muito emocionado por pegar o meu dinheiro da cafeína. — Eu achei que você deveria estar na terapia. — Ele não se preocupou em baixar a sua voz, e eu vi Eve, que tinha ouvido, estremecer e manter a sua atenção estritamente sobre a bebida que ela estava misturando.

— Já fui — eu disse. Eu não conseguiria parecer alegre, mas eu não soei irritado, tampouco. Meio que uma conquista. — Você pode verificar com o médico, se quiser.

— Oh, eu vou — ele disse. — Essa caridade desnecessária direcionada a você não é ideia minha, e se você deixar de cumprir as condições da sua liberdade condicional...

— Eu vou para a cadeia — eu disse.

Oliver sorriu, e foi uma coisa assustadora. — Talvez — ele disse. — Mas eu não contaria com isso. Você teve muitas







chances. A paciência de Amelie pode ser ilimitada, mas eu prometo a você, a minha não é.

— Se... — afaste, cara, eu não estou impressionado com o tamanho do seu... Sim, isso não era jogar pelas regras de Theo, tampouco. Eu mordi a língua, senti o gosto de sangue, e eu realmente queria atirar alguns explosivos na direção dele. Em vez disso, eu respirei, contei até cinco, e disse: — Eu sei que eu não mereço a chance. Eu vou fazer o meu melhor para merecer.

Suas sobrancelhas subiram acentuadamente, mas seus olhos permaneceram frio. — Ela foi entregue com as minhas objeções. Mais uma vez. Você não precisa desperdiçar a sua súbita mudança de atitude comigo.

Bem, eu tentei.

Eve limpou a garganta em voz alta, e empurrou a minha bebida para mim. — Aqui — ela disse. — Ei, Claire vai encontrar com você?

— Não, ela tem aula. Obrigado por isso. — Eu entreguei cinco dólares, e ela me deu o troco. Oliver observou a transação sem comentários, felizmente; Eu tinha acabado de esgotar o meu livro inteiro de conversa apropriada e educada com um vampiro que não envolvia as palavras cair morto.

Eu levei a bebida para uma mesa ao ar livre e me sentei. Eu tinha uma boa vista para a rua, então dava para observar as pessoas, e peguei o meu celular. O café com leite, surpreendentemente, não era ruim.

Eu vi Eve me observando, e dei a ela um polegar para cima. Ela fez um elogio silencioso. Pontuação até agora: *Shane três, temperamento zero,* eu pensei, e estava me sentindo meio presunçoso sobre isso quando uma sombra caiu sobre mim. Eu olhei para cima e vi três atletas da Universidade Prairie do Texas — o que não era dizer muito, no grande mundo de atletismo — pairando sobre mim. Eles eram caras grandes, mas não muito maiores do que eu. Automaticamente eu fiz os pré-cálculos... três para um, o do meio era o líder, e ele tinha um olhar maldoso. O Amigo do Lado tinha uma aparência inexpressiva, mas ele tinha um nariz quebrado em vários lugares, não era estranho ele causar tumulto. O Amigo do Lado







Dois não tinha machucados, mas isso não significava que ele não era um lutador, ou era ridiculamente bom.

Ei, eu tive combates piores. Pelo menos nenhum deles tinha presas.

— Você está na nossa mesa — o do meio disse. Ele estava usando uma camiseta de Morganville High com o mascote da escola que acentuava os seus músculos — uma víbora, vai entender — e eu finalmente reconheci ele.

Ele era um filho prodígio, e tinha acabado de virar um representante digno como um atacante defensivo antes de eu ter deixado a cidade. Ele tinha sido um valentão na época, também. — Saia daí, perdedor.

— Oh, ei, Billy, como vai? — eu perguntei, sem me mover um centímetro. — Ainda não vi você por aqui.

Ele não estava preparado para o bate-papo, e eu recebi um olhar vazio dele, então uma cara feia. — Você me ouviu, Collins? Saia daí. Não vou dizer a você novamente.

— Não? — Eu olhei para ele e dei um gole no meu café com leite. — Common Grounds, cara. Você realmente vai começar alguma merda aqui, com ele olhando diretamente para nós? — Eu balancei a cabeça em direção a Oliver, que estava com os braços cruzados nos observando com tanta intensidade que eu fiquei surpreendido por alguns de nós não estarem pegando fogo. Eu tomei um gole de café com leite, e esperei. Essa coisa de não-violência era meio engraçado porque eu vi Billy se contorcer sem suar a minha camisa.

O único problema era, Billy não era muito inteligente, e me deu um soco na cara. Simplesmente assim, a porra de um soco no queixo.

Eu derrubei o meu café com leite e sai da minha cadeira em uma única onda de músculos, cerrando o punho, mesmo antes da dor bater no meu cérebro como uma marreta. O contra-ataque era instintivo e necessário, pois ninguém, ninguém me batia daquele jeito e não tinha um retorno.

Eu estava me impulsionando para trás para um soco de sucesso quando ouvi a voz de Theo Goldman dizer, clara como um sino, *24 horas.*

Inferno.







Eu engoli em seco a minha raiva, abri o meu punho e interrompi o próximo soco de Billy. — Você me deve um café com leite — eu disse, o que não era exatamente algo que eu esperava dizer, nunca. A mesa estava uma bagunça, café e leite derramaram para fora das bordas da mesa. O meu coração estava acelerado, e eu queria dar um soco em todos esses caras até que eles estivessem machucados demais para se mover. Desta vez, me conter não pareceu bom; parecia perder. Parecia covardia. E eu odiava.

Mas eu me afastei e fui embora. A mesa era deles. Agora eles tinham que limpar a própria sujeira.

Lá fora, o ar parecia afiado e grosso na minha pele, e eu me inclinei contra os tijolos e respirei profundamente, várias vezes, até que, a névoa vermelha que ainda nublava a minha visão começou a clarear. Minha reação de luta ou fuga tinha apenas uma direção, eu estava começando a perceber; Isso não era inteligente. Era divertido, mas não inteligente.

Eve saiu correndo, ainda em seu avental. Ela me viu de pé lá e derrapou para parar. — Ei! — ela falou ofegante. — Você está bem?

— Tudo bem — eu disse. — Ele é muito covarde para quebrar qualquer coisa exceto a própria mão. Não sabe lutar de verdade.

— Não, eu quero dizer... Jesus, Shane, você simplesmente... — Eve olhou para mim por um segundo, e eu pensei que ela fosse dizer algo que fosse fazer eu me sentir pior do que o inferno, mas então ela jogou os braços ao redor de mim e me abraçou com força. — Você acabou de fazer algo totalmente elegante. Bom para você.

Huh.

Ela tinha ido embora antes que eu pudesse explicar que não era realmente minha escolha.

Elegante? Garotas são estranhas. Não há nada de elegante em levar um murro e ir embora.

Mas eu acho que hoje era sobre lutar comigo mesmo, e Deus me ajude, eu meio que estava ganhando.









Eu tinha um encontro no final da tarde para levar Claire para casa a pé do campus; ela realmente não precisa de escolta, mas eu gostava de fingir que ela precisava, e passar um tempo com ela era sempre uma vantagem. Eu tinha um monte de coisas para compensar Claire; eu tinha mentido para ela, e quando as coisas ficaram obscuras comigo e o clube de luta, eu tinha ficado obscuro com ela, também. Ela não tinha merecido isso, ou qualquer uma das coisas horríveis que eu tinha dito, ou pensado. Ia levar um verdadeiro esforço para conseguir voltar para onde nós estávamos, mas eu estava determinado a fazer isso acontecer.

E, normalmente, eu não deixaria nada interferir nisso, mas quando eu estava passando na casa vazia na Fox Street, a segunda da esquina, com as janelas quebradas e antigas, pintura descascando, eu ouvi algo que soava como um grito abafado e frenético. *É um gato,* eu disse a mim mesmo. O local era uma destruição sem vida, e no quintal era tão coberto de folhagem que chegar na porta da frente significava passar por um completo safari com o benefício adicional de ervas daninhas espinhosas, possíveis cobras venenosas e aranhas, e quem sabe mais o quê. Eu me sentiria malditamente estúpido se eu acabasse levando uma mordida de cobra para para salvar um gato que nem sequer estava em apuros, em primeiro lugar.

Mas realmente não soava como um gato.

Em Morganville, a regra de sobrevivência principal era sempre continuar andando, mas eu nunca fui de seguir esta estratégia; é desumano, ver as pessoas se machucarem e não fazer nada para ajudar. Goldman estava certo, eu tinha um complexo de salvador, mas caramba, em Morganville, às vezes as pessoas precisam ser salvas.

Como, mais provavelmente, agora.

Eu suspirei e comecei a atravessar o emaranhado da altura da cintura em direção à casa. A porta da frente era impossível de passar; Eu podia ver que o cadeado ainda estava intacto daqui. Quem encontrou uma forma de entrar tinha feito isso com pelo menos um pouco de discrição.







As janelas ainda estavam cheias de vidro irregular, mesmo que alguém tenha entrado dessa maneira, eu não iria experimentar — e eu não precisava, porque a porta dos fundos estava aberta, um retângulo não convidativo de escuridão.

Eu poderia ouvir a briga agora, e o choro ficou mais alto. Sendo definitivamente abafado. Estava vindo do andar de cima, e pelas batidas, parecia que havia uma luta em andamento.

As escadas rangeram e estalaram, alertando a alguém que estava prestando um mínimo de atenção que eu estava a caminho, e eu não fiquei surpreso quando uma menina de quatorze anos apareceu no topo da escada, ofegando e soluçando, e passou rapidamente por mim em direção à saída. Ela parecia relativamente bem; mas em pânico.

Os garotos — dois deles — do topo da escada não eram muito mais velhos do que ela. Dezesseis, dezessete anos, talvez. Crianças locais, mas ninguém que eu conhecia.

Eles realmente pareciam surpresos em me ver.

— Ei — eu disse, e parei onde estava, a meio caminho, bloqueando a passagem. — Vocês querem explicar o que aconteceu?

Um deles optou ser bravo. Não uma boa aparência para ele. — Não é da sua conta, imbecil — ele disse, e mostrou o dedo do meio para mim. — Nós não estamos fazendo nada.

— Você quer dizer, agora — eu disse. — Aqui vai uma dica de um profissional, crianças, quando a garota está chorando, ela não está a fim de você. — Eu estava com raiva agora, mais irritado do que eu tinha estado com o idiota do Billy e o seu soco. Aquela teria sido uma luta sem sentido. Esta, por outro lado, tinha um significado. — Você sabe quem eu sou?

Um deles tinha juízo, pelo menos, e assentiu. — Collins — ele disse, e puxou o braço do amigo. — Cara, deixa ele.

O amigo não era tão inteligente. — Você não pode provar nada — ele respondeu. Eu dei de ombros.

— Sim, eu realmente me importaria se eu fosse algum tipo de policial, mas eu não sou. Eu sou apenas um cara que fica irritado constantemente. Então aqui está o trato. Eu vou dar-lhe uma chance de me prometer que vai parar de ser idiota.







Faça isso, e você pode dar o fora daqui. — Minha voz ficou fria na próxima parte. — Você quebra a sua promessa, e toca em qualquer garota nesta cidade que sinceramente não pediu por isso, e eu vou arrancar todos os seus membros, você entendeu?

— Quem morreu e lhe fez o Batman, idiota? — o maior perguntou.

— Para efeitos da discussão, vamos apenas dizer que o meu pai — eu disse. — Porque você já estaria no chão. Eu sou a versão mais amável e suave.

Não é verdade; o meu pai não possuía uma verdadeira bússola moral. Se estes tolos fossem vamps, ele teria ido atrás deles, mas regulares e idiotas humanos? Ele daria de ombros e iria embora.

Eles não precisavam saber disso, no entanto.

— Cara, vamos apenas embora — o Babaca Menor, e não esperou por seu amigo mudar de opinião; ele levantou ambas as mãos em sinal de rendição e se afastou de mim ao descer os degraus. Quando eu bati no piso, ele correu.

O cara restante estendeu a mão ao bolso e abriu uma faca parecendo bastante afiada. Eu respeito facas. Ela aumentou um pouco os meus níveis de ameaça, embora ele não fosse nem mesmo descascar uma laranja. — Péssima ideia — eu disse a ele, subindo as escadas em direção a ele. — Estou falando sério, péssima ideia.

Ele começou a recuar, claramente assustado; ele pensava que apenas por ter uma faca significava que tinha ganhado. Eu cheguei ao degrau mais alto e avancei, atingindo a mão da faca para fora do caminho, torcendo-a e pegando a arma antes dela bater no chão.

Então eu coloquei o meu antebraço contra o seu peito, empurrei-o contra a parede, e mostrei-lhe a faca. — Péssima ideia — eu repeti, e empurrei-a na parede ao lado de sua cabeça, perto o suficiente para ele sentir ela atravessando. Ele estava muito, muito pálido, e sangrando da briga como se eu o tivesse apunhalado. — Você acabou de ser atualizado. Você não tem mais uma passagem completa, idiota; você vai começar a olhar para a frente e me ver muito. E é melhor que







eu goste do que veja, você me entendeu? Qualquer menina chorando, mesmo que seja em um filme triste, nós vamos terminar isso de uma forma que não vai parecer muito boa para você.

Eu queria dar um soco no bastardo, mas não o fiz.

Eu só olhei para ele por alguns longos segundos e, em seguida, puxei a faca, dobrei-a e coloquei em meu próprio bolso. Então eu o deixei ir. — Dê o fora — eu disse. — Você tem dez segundos.

Ele fez uso deles.

Eu fiquei sentado nos degraus, brincando com a faca que ele tinha deixado para trás. Eu não tinha perdido a cabeça, mas eu não tinha sido não-violento exatamente, tampouco. Essa eu chamei de empate.

Eu não tinha ouvido ele, mas de repente eu percebi que alguém estava no fundo da escada, olhando para cima na escuridão. A pele pálida, os cabelos crespos selvagens, as roupas antigas. O pequeno óculo com armação de arame empurrado para baixo em seu nariz.

Dr. Theo Goldman.

— Você estava me seguindo? — eu perguntei. Eu me senti surpreendentemente relaxado em relação isso.

— Sim — eu disse. — Eu estava curioso em quanto esforço você colocaria. Estou agradavelmente surpreendido.

Eu fiz um gesto com a faca. — Então, como este conta?

Ele sorriu, só um pouco. — Eu realmente nunca fui um fã de ensinar que você deve dar a outra face — ele disse. — O mal deve ser combatido, ou do que importa se nós somos bons? A bondade não pode ser fraqueza, ou deixar de ser boa. — Ele deu de ombros. — Vamos chamar de um empate.

Eu poderia viver com isso. — Você estava certo — eu disse. — Não tem que ser uma briga o tempo todo. Mas eu vou sentir falta. Tipo muito.

— Oh — ele disse alegremente: — Eu tenho certeza de que haverá muitas oportunidades para que você mate a saudade. É Morganville, afinal. Até amanhã.

Ele já tinha ido embora quando eu pisquei. Eu balancei a cabeça e comecei a colocar a faca no bolso.




— Deixe aí — a sua voz voltou. — Eu confio mais em você quando você não está armado.

Eu gargalhei dessa vez, e joguei a faca através de uma rachadura nas tábuas. Ela foi engolida pela casa.

Ainda não tinha passado vinte e quatro horas, mas de alguma forma, eu sentia como se eu pudesse, provavelmente, conseguir pelo resto do caminho.

Provavelmente.

FIM!



The Morganville Vampires Series

